



FALSIFICAÇÃO

Porto invoca o salmão do Alasca

Nos EUA, designações de origem como Champanhe ou Porto são consideradas genéricas e não são protegidas. Regiões sofrem com a rotulagem abusiva

Os americanos apreciam o salmão do Alasca, as laranjas da Califórnia e as cerejas do Connecticut. Mas valorizam, acima de tudo, a genuinidade dos produtos e a autenticidade dos rótulos. O Instituto do Vinho do Porto e Douro (IVDP) quer que as autoridades percebam que utilizar um rótulo de Port com uvas da Califórnia é como comprar salmão do Alasca pescado ao largo de Matosinhos.

A partir de um estudo que reconhece que os consumidores enaltecem a verdade do rótulo e não gostam de ser enganados com falsas indicações, a aliança europeia que junta o Porto, Champanhe e Xerez quer pressionar os decisores políticos a protegerem as denominações de origem. Nesta sua cruzada, as três regiões vinícolas beneficiam do apoio de quatro congéneres americanas, em especial de Napa Valley, que participam em ações conjuntas.

O mercado americano "é especialmente sensível e preocupante por combinar um enorme potencial de procura com a produção em larga escala de vinhos de características semelhantes aos europeus", diz Jorge Monteiro, presidente do IVDP. Os Estados Unidos representam 6%, em volume, e 9%, em valor, das exportações de vinho do Porto.

No âmbito do 'Wine Accord' de 2006, entre a União Euro-

peia e os Estados Unidos, o mercado americano encara os mais históricos vinhos europeus como meras designações semigénéricas, sem direito a protecção de origem. É por isso vulgar tropeçar em garrafas de Port ou Champanhe produzidos com com uvas Califórnia. Por isso, as três regiões aliaram-se no Centre for Wine Origins, um fórum que combina lóbi com divulgação, visando sensibilizar o Congresso americano para a urgência de impor legislação restritiva e terminar de vez com as falsas indicações de origem. A mensagem que a Wine Origins quer passar é clara: "As leis em vigor nos EUA não protegem os interesses dos consumidores". Jorge Monteiro verifica que a visão dos políticos "não é coincidente

com a dos consumidores e agentes económicos americanos". A actual situação, acusa, "só favorece as grandes companhias de bebidas". Os americanos rejeitam o recurso a informação enganadora, mas, nos vinhos, o Governo não proíbe tais práticas, tolerando o uso de termos como Port para identificar vinhos produzidos no mercado local.

Um estudo encomendado pelo Wine Origins concluiu que 79% dos consumidores querem estar protegidos contra falsas indicações ou rótulos enganadores em todos os produtos, incluindo os vinhos. Dois terços dos inquiridos concordam que a legislação proíba a rotulagem enganadora e acredita que esta seja a melhor forma de proteger as verdadeiras Indicações Geográficas (IG) ou Denominações de Origem (DO). E diz tratar-se de uma questão de colocar "a verdade nos rótulos".

Noutro plano, o IVDP está atento ao que se passa no Brasil, país em que a marca Porto está protegida. Mas as falsificações continuam. Ainda esta semana, recebeu uma garrafa de falso Porto com uma bebida que resultava de fermentação de uma fruta que nem parente era da uva. Na África do Sul, outro foco de preocupação, o fenómeno perdeu relevância e os efeitos da falsificação confinam-se ao mercado interno. A.F.



ROTULAGEM ABUSIVA

440

mil caixas é quanto vale a exportação de Porto para os Estados Unidos. Mas estima-se que a produção local com Port no rótulo da garrafa represente 10 vezes mais